

## CONSTRUINDO LAÇOS E IDENTIDADE: O PAPEL DA LUDOTERAPIA NO DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS ADOTADAS

Silvane Hammes

André Marcos Spiecker Gasparin

### Resumo

A vivência clínica dentro da psicologia nos proporciona diferentes aspectos do desenvolvimento humano. O presente resumo se refere a Alfredo (nome fictício), que no decorrer de seu processo psicoterapêutico comunicou-se sobre sua vida e sua experiência de ser uma pessoa de 10 anos de idade.

A demanda inicial do cliente foi comunicada durante o primeiro atendimento, no qual ele foi acompanhado pelo pai. Alfredo é uma criança adotada que, já vinha recebendo acompanhamento desde a estadia em um lar temporário, revelando um histórico de adaptação em seu ambiente familiar. Durante o primeiro encontro, ele apresentou-se retraído, preferindo atividades lúdicas que proporcionaram um espaço para observação inicial de seu comportamento. As sessões iniciais focaram em criar um ambiente seguro e confortável para que ele pudesse explorar e expressar-se por meio de brincadeiras, demonstrando especial interesse em jogos de memória e atividades com elementos que capturavam sua atenção.

Este resumo explora o processo terapêutico do cliente que, apresenta dificuldades emocionais e comportamentais, refletindo questões de apego, pertencimento e identidade.

A adoção, embora proporcione um ambiente de cuidado e segurança, envolve complexas questões emocionais. Muitas crianças que passam por esse processo têm experiências anteriores de rejeição, perda ou trauma, que influenciam profundamente a forma como percebem o mundo e se relacionam com o novo núcleo familiar e com o terapeuta. De acordo com Carl Rogers (1997), fundador da Terapia Centrada no Cliente, experiências passadas impactam a autopercepção e a capacidade de desenvolver relações saudáveis.

Nesse quesito, a ludoterapia é uma ferramenta valiosa no processo terapêutico da criança, permitindo que ela expresse emoções, medos e inseguranças de forma espontânea e não verbal, através de brincadeiras e atividades lúdicas. Em casos de adoção, enfrenta-se questões complexas relacionadas à identidade, pertencimento e apego, além de possíveis traumas ou sentimentos de abandono. Na ludoterapia, o terapeuta observa e interage com a criança em um ambiente seguro e acolhedor, possibilitando que ela elabore esses sentimentos sem a pressão de comunicar verbalmente o que sente.

Segundo Carl Rogers (1957), para que a terapia seja eficaz, é essencial que o terapeuta ofereça um ambiente de aceitação incondicional, empatia e autenticidade. Em casos de adoção, em que é comum o sentimento de insegurança quanto à aceitação e pertencimento, é fundamental que se tenham essas condições, criando com o cliente, um espaço seguro e livre de julgamentos. Permitindo livre expressão e elaboração de emoções complexas, como o medo de rejeição e o desejo de segurança. Esse ambiente terapêutico facilita a construção de uma relação de confiança com a terapeuta, essencial para que a criança se sinta valorizada e compreendida.

A abordagem centrada na criança, desenvolvida por Virginia Axline (1947) é particularmente eficaz no desenrolar dos atendimentos, pois reconhece que a criança pode enfrentar uma luta interna para entender sua própria história e origem.

Axline (1947) enfatiza a importância de um espaço terapêutico onde a criança tenha liberdade para brincar e expressar-se simbolicamente, permitindo que ela elabore conflitos internos sem a pressão de uma verbalização direta. No caso analisado, a criança utiliza jogos e desenhos para simbolizar seus medos e inseguranças, o que reflete sua busca por pertencimento e aceitação. A ludoterapia oferece um canal seguro e natural para a expressão de questões que podem ser difíceis de verbalizar, como o medo de ser rejeitada novamente ou a necessidade de sentir-se amada em sua nova família.

É de extrema importância prezar por uma relação autêntica e empática, onde a criança se sinta acolhida para compartilhar suas emoções. No caso apresentado, a relação de confiança entre a terapeuta e a criança permite que, através do brincar, ela explore questões ligadas à adoção. A presença genuína do terapeuta oferece à criança um modelo de vínculo seguro, o que contribui para que ela desenvolva um senso de segurança emocional e aprenda a confiar mais em seus relacionamentos. O processo lúdico favorece o fortalecimento de vínculos afetivos e auxilia a criança a desenvolver essa sensação de segurança emocional que, é fundamental para a formação de laços saudáveis com seus novos cuidadores.

Além disso, a Teoria do Apego de John Bowlby (1988) oferece uma perspectiva importante sobre os impactos da adoção. Segundo Bowlby (1988), crianças que passaram por múltiplas rupturas de vínculo antes da adoção podem enfrentar dificuldades para formar novos apegos seguros. No processo terapêutico, o terapeuta assume o papel de uma figura de apego secundária, proporcionando uma relação de apoio e segurança que, permite à criança, internalizar um novo modelo de relacionamento. A relação terapêutica ajuda a reconstruir a confiança e fortalecer o vínculo, promovendo um desenvolvimento emocional mais saudável e seguro.

Rollo May (1983) aponta que a terapia precisa respeitar a singularidade da experiência de cada criança, reconhecendo que ela traz consigo uma história de vida única. Para uma criança adotada, explorar de forma segura sentimento de perda e de busca por identidade é essencial para fortalecer o

autoconhecimento e a autocompaixão. Um ambiente acolhedor e empático, permite que a criança compreenda e integre sua história de adoção de forma mais positiva, o que é fundamental para o desenvolvimento de uma identidade mais resiliente e integrada.

Portanto, o processo terapêutico de uma criança adotada é impactado por questões de apego, identidade e pertencimento. A ludoterapia, ao oferecer um espaço onde a criança pode expressar-se simbolicamente e construir uma relação de confiança com o terapeuta, possibilita que ela elabore e integre as emoções associadas à adoção. Esse ambiente terapêutico seguro, facilita o fortalecimento de um self mais confiante e resiliente, contribuindo para que a criança desenvolva relações mais seguras e uma percepção de si mesma mais positiva. Em suma, a ludoterapia oferece um canal natural de expressão que, respeita o ritmo e as necessidades emocionais da criança, promovendo um processo de cura e aceitação.

**REFERÊNCIAS:**

AXLINE, V. Terapia de Jogo. Nova York: Ballantine Books, 1947.

BOWLBY, J. Uma Base Segura: Apego entre Pais e Filhos e o Desenvolvimento Humano Saudável. Nova York: Basic Books, 1988.

MAY, R. A Descoberta do Ser. Nova York: W.W. Norton, 1983.

ROGERS, C. R. As condições necessárias e suficientes para a mudança de personalidade terapêutica. *Journal of Consulting Psychology*, v. 21, p. 95-103, 1957.

ROGERS, Carl R. Tornar-se pessoa: uma perspectiva de um psicoterapeuta. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

hammessilvane@gmail.com

andre.m@unoesc.edu.br